

USO, OCUPAÇÃO DO ESPAÇO E PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO E CORRURAL NA BACIA HIDROGRÁFICA DO RIBEIRÃO SÃO VICENTE, ITUIUTABA, MG¹

USO, OCUPACIÓN DEL ESPACIO Y PERSPECTIVAS DE DESARROLLO DEL TURISMO E CORRURAL EN LA CUENCA HIDROGRAFIACA DEL RIBEIRÃO SÃO VICENTE, ITUIUTABA, MG

Bruno De Freitas

Acadêmico do Curso de Geografia da FACIP/UFU. Bolsista do CNPq.
freitasbrunode@gmail.com

Anderson Pereira Portuguez

Professor Doutor do Curso de Geografia da FACIP/UFU e Professor do
Programa de Mestrado Profissional em Gestão de Negócios Turísticos da UEC
anderson@pontal.ufu.br

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo de estudar as características do meio natural e compreender os processos históricos responsáveis pela ocupação da Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente, em Ituiutaba, MG. Para tanto, realizou-se uma série de levantamentos documentais, revisão bibliográfica, elaborou-se representações cartográficas e, em campo, realizou-se: cobertura fotográfica, aplicação de questionários e realização de entrevistas abertas junto aos proprietários rurais da bacia estudada. Observou-se que há de fato potencialidades para a prática turística em escala local. No entanto, as propriedades ainda necessitam de um amplo trabalho de qualificação e estruturação para que o turismo eorrural seja de fato viável. Por fim, propôs-se um roteiro de turismo eorrural com base nos atrativos potenciais da paisagem investigada.

Palavras-Chave: Educação Ambiental. Espaço Rural. Ituiutaba, MG. Roteiro. Turismo.

Resumen

La presente investigación tiene como objetivo estudiar las características del medio natural y comprender los procesos históricos responsables por la ocupación de cuenca hidrográfica del río São Vicente, en la ciudad de Ituiutaba, MG. Para esto, se realizó levantamientos documentales, estudios bibliográficos, representaciones cartográficas y en campo, se realizó recolección de fotografías, se aplicó encuestas e se hizo entrevistas en profundidad con las familias residentes. Se observó que de facto hay potencialidades turísticas en escala local, pero las haciendas todavía necesitan de un amplio trabajo de cualificación y estructuración para que el turismo eorrural sea viable. Se propuso una ruta de turismo eorrural con base en los atractivos potenciales del espacio investigado.

Palabras-Claves: Educación Medioambiental. Espaço Rural. Guión. Ituiutaba, MG. Turismo.

Introdução

O presente trabalho surgiu a partir de uma série de inquietações dos autores, que têm convivido com a comunidade rural do vale do Ribeirão São Vicente, aonde o crescimento do agronegócio vem gradativamente transformando a paisagem e alterando a organização do espaço em escala local. Estes questionamentos deram origem a uma questão investigativa central, que o trabalho ora apresentado procura responder, que é: de que forma os usos e a ocupação do espaço na Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente² (Ituiutaba, MG) podem contribuir efetivamente para o desenvolvimento por meio do aproveitamento de suas potencialidades turísticas?

Partindo desta interrogativa, o estudo teve como objetivos: estudar as características do meio natural e compreender os processos históricos responsáveis pela ocupação do espaço na Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente; traçar o perfil populacional e de uso da terra em escala local e, por fim, conhecer as estratégias produtivas e econômicas da população local. Estes dados, uma vez analisados, possibilitaram entender um pouco mais sobre as limitações e as possibilidades de inserção do turismo e do lazer neste setor do meio rural de Ituiutaba.

De acordo com Rodrigues (2000), as bacias hidrográficas concentram todos os elementos da natureza responsáveis pela manutenção da qualidade do ambiente, além de nelas, ser possível encontrar recursos naturais que, se bem utilizados, podem embasar o desenvolvimento econômico e social. Neste sentido, refletir sobre estas questões em uma dimensão empírica significa aportar alguns elementos novos à análise do meio rural de Ituiutaba, considerando que o turismo associado à educação ambiental pode ser uma ferramenta para estimular novas alternativas de desenvolvimento para este município.

Esta bacia hidrográfica vem apresentando ao longo dos últimos 40 anos, um crescente processo de degradação ambiental devido ao avanço da agricultura canavieira e, sobretudo, das áreas de pastagens. No entanto, ainda é possível encontrar em grande parte das propriedades rurais, áreas de remanescentes de matas ciliares e bosques de Cerrados, que desempenham importante papel na manutenção da dinâmica ecológica em escala local.

Como forma de incentivar a conservação ambiental, o reflorestamento e a manutenção dos aspectos cênicos da paisagem, desejou-se com este estudo, fornecer os

subsídios para a incorporação de atividades produtivas menos impactantes, que ao mesmo tempo em que despertam a sensibilidade ambiental dos residentes, podem ainda se tornar fontes de renda complementar para as propriedades locais. É o caso do ecoturismo e do lazer rural³.

Para tanto, realizou-se uma série de levantamentos documentais e revisão bibliográfica, para embasar teoricamente as discussões feitas e dar os direcionamentos necessários para a coleta de dados em campo. Realizou-se ainda, um levantamento cartográfico para que os fenômenos estudados na BHRSV pudessem ser espacializados e interpretados.

A área foi delimitada a partir das cartas topográficas: SE-22-Z-C-III (Gurinhata), SE-22-Z-D-I (Serra de São Lourenço), ambas em escala de 1:100.000. Editadas pelo IBGE. Além da utilização destas cartas, para a delimitação da BHRSV, foi necessário ir a campo e georreferenciar alguns pontos, confrontando assim, os dados das cartas e da realidade encontrada em campo.

Por fim foi-se utilizado imagens de satélites, que apresentaram um panorama mais atual do que as cartas, no que se refere às atuais formas de ocupação. Além disto, buscaram-se dados cartográficos na prefeitura, elaborou-se mapeamento de localização, antropização, hipsométrico e roteiro de turismo ecorrural. Em campo, além de elaborar um farto acervo fotográfico, os pesquisadores visitaram todas as propriedades rurais, áreas de remanescentes de vegetação nativa e observaram as condições de trafegabilidade e segurança.

A coleta de dados foi realizada na BHRSV diretamente pelos pesquisadores por meio de abordagem direta, entre os dias 23 e 31 de janeiro de 2012. Em campo, realizaram-se ainda observações diretas e coleta de informações por meio de depoimentos livres. Como a BHRSV é relativamente pequena, optou-se por estudar todo o universo de propriedades por meio de um estudo descritivo-analítico de corte transversal (ou de prevalência). As fazendas foram identificadas por números, conforme protocolo aprovado pelo Comitê de Ética com Pesquisas com Seres Humanos – UFU (CEP-UFU), para assegurar o sigilo dos entrevistados.

O presente trabalho foi organizado em 6 tópicos, sendo que após esta introdução o segundo tópico apresenta a localização da área de estudo dentro do contexto do

Triângulo Mineiro, bem como sua influência regional. O terceiro tópico traz a organização do meio físico da área estudada, com dados referentes aos aspectos: geológicos, geomorfológicos, climáticos, biogeográficos, bem como suas aplicabilidades turísticas de planejamento e contemplação por parte dos visitantes.

O quarto tópico trata sobre as atuais formas de uso e ocupação do espaço na área, bem como seu processo histórico, onde se observou atividades de alto impacto ambiental, tais como a pecuária bovina extensiva, cultivos intensivos de cana-de-açúcar, suinocultura, produção de carvão vegetal e agricultura familiar.

O quinto tópico discute algumas segmentações turísticas surgidas em oposição ao turismo de massa, como o exemplo do turismo eorrural. O sexto tópico apresenta o interesse destes moradores em relação à possível implantação do turismo na área em questão, além da proposta de roteiro turístico, que integre a área de estudo. Por fim as conclusões subsidiaram a redação dos resultados obtidos pela presente pesquisa.

Localização da Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente

O município de Ituiutaba acha-se localizado na Mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, no Estado de Minas Gerais, a 685 km da capital Belo Horizonte. Sua área é de 2.598 km², e de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)⁴, Ituiutaba possuía em 2010, uma população de 97.159 habitantes, sendo que 93.122 habitantes (95,8%) viviam na zona urbana e 4.037 (4,2%) na zona rural.

Foto 1: Ituiutaba, MG: Visão Panorâmica da Borda Sul do Município de Ituiutaba e a respectiva cidade, 2011.

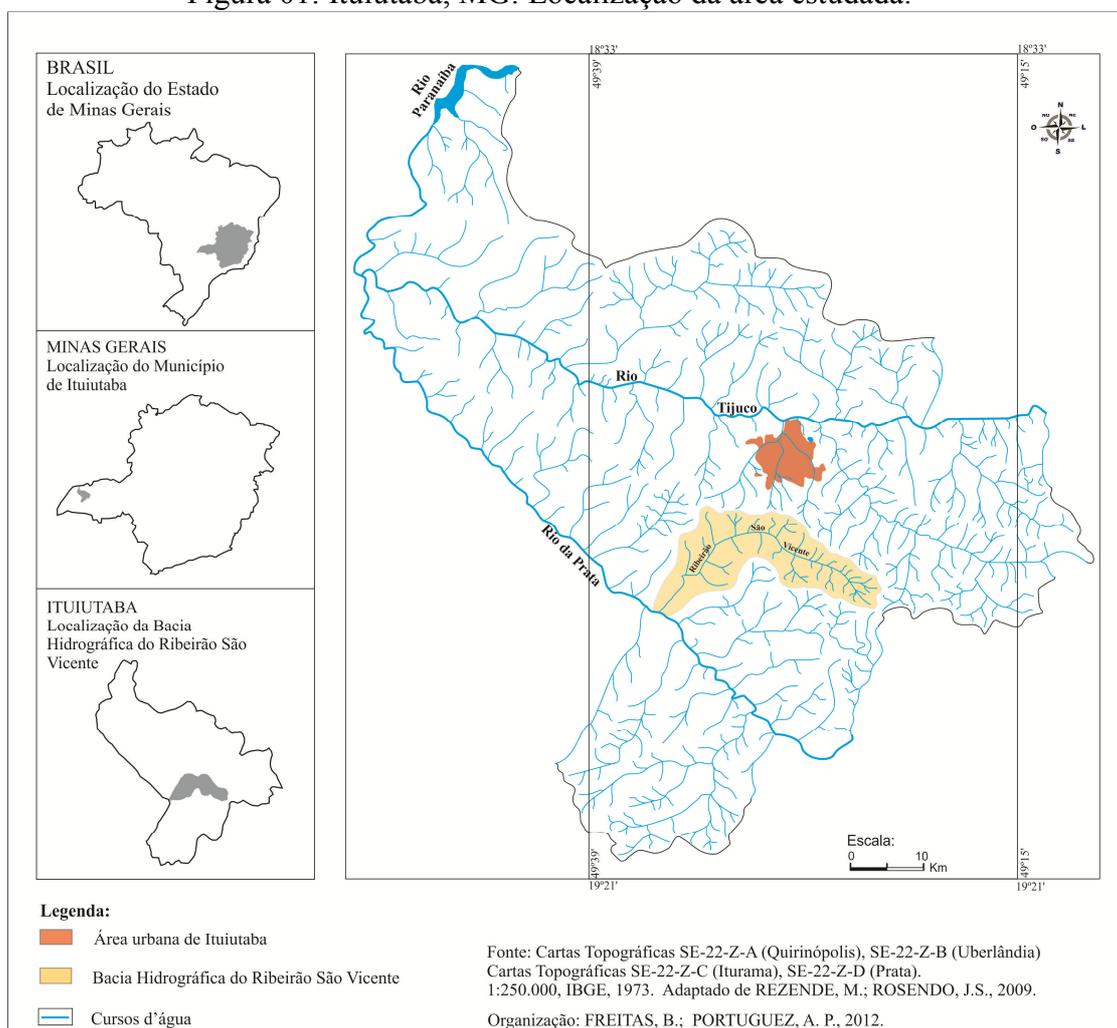


Fonte: PORTUGUEZ, A. P., 2011.

A foto 1 apresenta o município de Ituiutaba, com características de uma cidade típica do Brasil Central, com arruamento traçado de forma estruturada como tabuleiro de xadrez. A zona central encontra-se em início de processo de verticalização e na periferia novos bairros tem surgido expansão, sobretudo os destinados à população de baixa renda. No plano inferior da foto, se vê a paisagem típica do seu meio rural imediato: os plantios comerciais de cana de açúcar e algumas pastagens.

A BHRSV situa-se na porção sul do município de Ituiutaba (figura 1), entre as coordenadas de 19°01' e 19°08' de latitude sul e 49°35' e 49°22' de longitude oeste, a cerca de 4 km da sede municipal.

Figura 01: Ituiutaba, MG: Localização da área estudada.



Fonte: Adaptado de Rezende e Rosendo, 2009.
Org.: FREITAS, B.; PORTUGUEZ, A. P., 2012.

O acesso à BHRSV é formado por uma rede de estradas rurais não pavimentadas. Destes, dois merecem ser destacados. O primeiro corresponde à extensão da Av. Jandiro Vilela de Freitas, que ao avançar para o meio rural, recebe a denominação de Rodovia MG 154. Por sua vez, o segundo acesso se dá por meio de uma estrada rural correspondente ao prolongamento da Rua Pepino Laterza. Inicia-se na altura do Campus do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia e segue rumo ao sul do município.

Como se pode observar na figura 1, o Ribeirão São Vicente é um dos afluentes do Rio da Prata, que por sua vez, deságua no rio Tijuco. Este último é considerado o

curso d'água mais representativo do município e é um dos afluentes do rio Paranaíba. Aliás, o termo *Ituiutaba*, de origem indígena, significa “rio lamacento”, em referência à tonalidade escura das águas do Tijuco, que banham áreas próximas ao Distrito Sede.

A BHRSV possui aproximadamente 60 km de perímetro e em seu interior, o Ribeirão São Vicente percorre cerca de 26 km entre suas nascentes e sua embocadura no Rio da Prata. Pontos de referências, de ordem geomorfológica, contribuem para a delimitação da BHRSV.

Estas formações geomorfológicas escarpadas estão localizadas em cotas que variam de 550 a 750 metros de altitude, ora caracterizadas por serras de topos aplainados, ora por morros residuais que, do ponto de vista turístico, propiciam mirantes naturais importantes para ações de contemplação e caminhadas em trilhas.

As próprias estradas rurais que dão acesso aos diversos recantos da bacia possibilitam bons pontos de observação e interpretação da paisagem, uma vez que foram traçadas em boa parte, em sentido perpendicular aos divisores de águas.

Do alto para o médio curso, há formas diferentes de uso do solo, tais como: pastagens, agricultura familiar e granjas⁵. Do médio para o baixo curso; destaca-se a predominância do grande capital açucareiro com presença com menor intensidade de agricultura familiar. A paisagem da área em questão apresenta potencial para ser turistificada. Porém a mesma se encontra degradada pelas formas de uso e ocupação vigentes, que sendo ou não geridas pelo grande capital, são degradadoras.

O turismo ecorrural vinculado à educação ambiental, que ora se propõe, surge como uma possibilidade de minimizar a degradação e não como simples consequência de uma paisagem natural bonita. Assim, torna-se necessário o conhecimento integrado do meio natural, tanto para planejamento, quanto para conhecimento do próprio visitante. Neste sentido, será apresentado no tópico que segue os principais aspectos físicos da área estudada e sua relação para o desenvolvimento do turismo ecorrural.

A Organização do Meio Físico

Para um melhor conhecimento da paisagem, tanto para o planejamento, tanto para o visitante, destacar-se-á algumas das variáveis mais relevantes, a exemplo:

geologia, geomorfologia, clima, vegetação e outros, como forma de dar elementos para a elaboração de propostas adequadas de uso turístico deste espaço.

Devido à importância da geologia para o planejamento turístico, percebeu-se a necessidade de levantar alguns dados em campo. Ladeira e Santos (2006) discutiram que o conhecimento da geologia de um determinado local contribui para o planejamento turístico, pois existem rochas mais suscetíveis ao intemperismo, além de que o conhecimento da formação geológica torna a visita ao lugar mais interessante e enriquecedora. Conti (1997) considera as características litológicas e geomorfológicas como atrativos turísticos, que quando conhecidos, proporcionam mais integração e fascínio do visitante ao ambiente.

De acordo com Brito (2001), a área estudada está inserida na Bacia Sedimentar do Paraná, que possui grandes derrames de lavas vulcânica do Grupo São Bento. Estes derramamentos datam do período cretáceo superior e podem ser encontrados especificamente na Formação Serra Geral. Estas intrusões atingem espessuras de até 1500 metros e são recobertas por sedimentos mais recentes do Grupo Bauru, que correspondem à Formação Marília e Formação Adamantina, datadas do período terciário.

Para efeito deste estudo, definiu-se como alto curso do Ribeirão São Vicente, a área correspondente à ocorrência da Formação Marília, que no caso desta bacia, encontram-se entre as cotas de 739m e cerca de 650m. Por sua vez, o médio curso corresponde às áreas de ocorrência da Formação Adamantina, entre as cotas de 650m e 550m e, por fim, o baixo curso corresponde às áreas mais planas, próximas à desembocadura do Ribeirão no Rio da Prata, com altitudes médias entre 550m e 450 m.

De acordo com a Carta Geológica Goiânia; Folha: SE.22, desenvolvida pelo Ministério de Minas e Energias por meio do Projeto RADAMBRASIL(1983), as nascentes do Ribeirão São Vicente se encontram na Formação Marília, do Grupo Bauru, sendo:

[...] composta por arenitos finos a grosseiros, predominantemente mal selecionados, vermelhos, róseos e esbranquiçados; arenitos argilosos, argilitos, siltitos, lamitos, conglomerados polimíticos comumente desagregados e brechas conglomeráticas. Subordinadamente aparecem níveis lenticulares e concreções de calcário e *chert*. As rochas desta unidade aparecem comumente limonitizadas e em pacotes maciços, com estratificações cruzadas de pequeno a médio porte (RADAMBRASIL, 1983, f. SE. 22).

No médio curso do Ribeirão São Vicente, as rochas da Formação Adamantina:

[...] são recobertas por arenitos finos a muito finos, cremes, cinza-pardo e cinza esverdeado, silitos e argilitos creme-arroxeados, apresentando estratificações plano-paralela e cruzada de pequeno a médio porte, com níveis conglomeráticos e carbonáticos. A desagregação dessas rochas formam extensos e espessos areiões (RADAMBRASIL, 1983, f. SE.22).

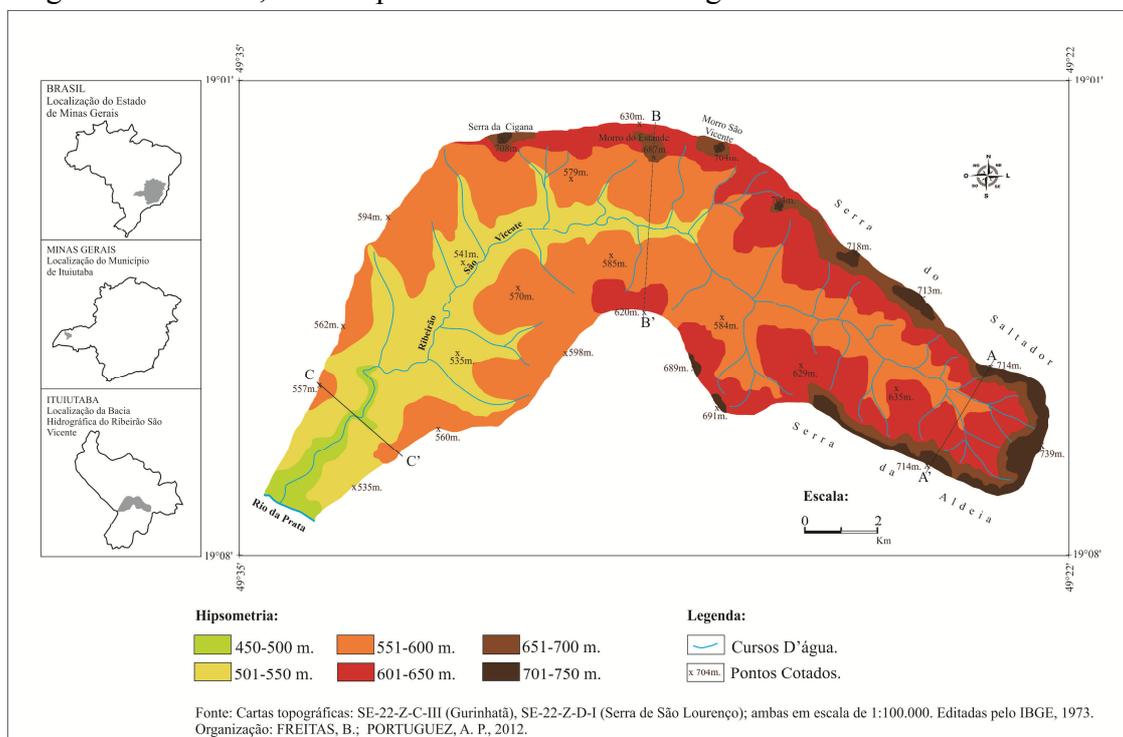
Em toda a extensão da bacia, em especial em seu baixo curso, observou-se em campo que as rochas basálticas da Formação Serra Geral, do Grupo São Bento, sustentam as rochas sedimentares da Formação Adamantina e Formação Marília, do Grupo Bauru. Estas últimas são mais suscetíveis a erosão.

Atividades de lazer são fortemente influenciadas por outro aspecto fundamental da composição cênica da BHRSV: a geomorfologia. Foi possível detectar em campo, formas de relevo que podem de fato contribuir para a implantação de atividades de educação ambiental e turismo ecoturístico, pois a área estudada possui encostas escarpadas que podem servir de mirantes naturais para a contemplação e interpretação da paisagem.

A classificação do relevo do Triângulo Mineiro, segundo Rocha *et al* (2001), se dá de acordo com suas unidades morfoestruturais, que são definidas pela compartimentação das unidades geomorfológicas, com base em suas características comuns. A obra destes autores mostra que a BHRSV localiza-se no Planalto Dissecado do Tijuco, que segundo Baccaro (*apud* ROCHA *et al*, 2001, sp) apresenta relevo medianamente dissecado, com declividades que vão de 10% nas áreas mais suavizadas e de topos planos, até 30% nas áreas mais dissecadas.

Ainda de acordo com os autores citados, este planalto está inserido basicamente na bacia hidrográfica do Rio Tijuco e apresenta índices de dissecção relativamente baixos, com incisão dos vales entre 20 e 40m e, ocasionalmente, podendo atingir até 80m. Os intervalos interfluviais oscilam entre 750 e 3.750m e a altimetria dessa unidade morfoestrutural, pode variar entre 500 e 800 m. Assim estas características apresentadas podem ser observadas na BHRSV e estão presentes na figura 2:

Figura 2: Ituiutaba, MG: Hipsometria da Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente.



Fonte: Cartas topográficas: SE-22-Z-C-III (Gurinhatã), SE-22-Z-D-I (Serra de São Lourenço). Ambas em escala de 1:100.000. Editadas pelo IBGE, 1973.
Org.: FREITAS, B.; PORTUGUEZ, A. P., 2012.

A BHRSV está situada em uma área de clima quente e úmido, acelerando assim os processos erosivos que resultam nas formas do relevo. As áreas compostas por arenitos são mais suscetíveis à erosão, pois o clima contribui para a formação do modelado. Para ocorrência deste processo, devem-se levar em consideração inúmeros fatores: precipitação, temperatura, a drenagem, vegetação, dentre outros.

Os níveis de base se caracterizam por serem bem encaixados ao longo das vertentes, cujas formas são convexas, o que mostra como a ação do intemperismo químico predominante na região associados a outros fatores como: clima e o próprio fluxo da rede de drenagem, foi ao longo do tempo, entalhando o relevo e retirando material litológico, que foi sendo depositado no nível de base e sendo transportado pela própria drenagem.

A rede de drenagem da BHRSV se dá de forma dendrítica (figura 6), que de acordo com Christofolleti (1980), consiste em canais que se bifurcam e se confluem de maneira aleatória. A organização da rede de drenagem resultou em cursos d'água que

correm paralelamente, ocasionando processos de desgaste simultâneos, de forma que o relevo vai sendo trabalhado desde os arenitos, que são mais susceptíveis ao intemperismo, podendo chegar até rochas mais resistentes.

Ab'Saber (2003) tratou sobre a rede de drenagem superficial do cerrado; que dentre suas características apresenta canais totalmente integrados apenas nos períodos chuvosos, pois parte da drenagem perene que alimenta as florestas de galeria nos períodos secos. Esta rede possui uma trama fina mal definida de caminhos d'água intermitentes que desaparecem temporariamente os canais de menor ordem de grandeza por ocasião do período seco do meio do ano.

O clima é outro aspecto ambiental importante para a compreensão da dinâmica dos espaços turísticos. Conti (1997) lembrou que o clima influi diretamente na composição de atrações turísticas e/ou recreativas, uma vez que pode estimular ou inibir as viagens. Nesta perspectiva, a BHRSV se enquadra nas características que o autor definiu como viabilizadoras para esta prática: latitude, altitude e outras, que podem produzir espaços favoráveis à instalação de atividades de lazer e turismo.

De acordo com Souza e Costa (2008), o clima é um dos principais agentes modificadores da paisagem, sendo responsável por importantes alterações na estrutura geomorfológica. De acordo com estes autores, que utilizaram a classificação climática de Köppen em seus estudos, o clima típico de Ituiutaba é o Aw (megatérmico: tropical com verão chuvoso e inverno seco). A estação chuvosa é bem definida no período de outubro a abril e o período seco estende-se de maio a setembro.

Com base nos dados do Instituto Nacional de Meteorologia – INMET, do período de 1987 a 2009, Mendes e Queiroz (2011) fizeram um levantamento de dados climáticos para o município de Ituiutaba e concluíram que os índices pluviométricos se mantêm quase que constantes durante a estação chuvosa, permanecendo entre 250 e 270 mm. Ainda segundo estes pesquisadores, entre os meses de abril e setembro, predominam temperaturas mais amenas e baixa umidade relativa do ar, com ocasionais pancadas de chuvas, e pluviosidade média entre 200 e 250 mm.

Na BHRSV encontram-se áreas de vegetação natural remanescentes, que se caracterizam por serem mais densas. Na maior parte da bacia são escassas as áreas com cobertura vegetal original. No entanto, nos trechos remanescentes é possível a prática do

turismo ecoturístico vinculado à atividades de educação ambiental, pois os bosques de cerrados, ainda podem servir para realização de trilhas ecológicas.

A vegetação predominante na BHRSV é do tipo Campo Cerrado (savana arbórea aberta), com a presença de espécies características deste tipo de unidade fitogeográfica: gramíneas, pequenas árvores e arbustos esparsos entre si. Em alguns trechos, formam-se matas mais fechadas, com árvores de médio porte cujas copas não chegam a formar uma massa densa de folhagens capazes de impedir a penetração da luz do sol. Isto faz com que no sub-bosque, haja uma importante e ainda pouco estudada diversidade vegetal.

Além deste padrão paisagístico, os Cerrados em específico a BHRSV, conta com a presença de veredas, que segundo Ab' Saber (2003) são áreas de vegetação que se estendem continuamente pelo setor aluvial central das planícies, deixando lugar para corredores herbáceos nos dois bordos de galeria florestal, que correspondem a casos que predominam sedimentos arenosos nos bordos das planícies de inundação, assim as veredas estão para os lados das matas de galeria no domínio de Cerrados.

Além da importância destes bosques para as atividades produtivas que se pretende incentivar. O turismo ecoturístico vêm ganhando fôlego em áreas com vegetação nativa, sobretudo onde ainda é possível visualizar espécies animais em seus ambientes naturais. Durante as atividades de campo, foi possível observar a existência de grande quantidade de pássaros, sobretudo seriemas (espécies diversas da família *Cariamidae*), tucanos (espécies diversas da família *Ramphastidae*) e periquitos (espécies diversas da família *Psittacidae*). Entre os mamíferos observados, destaca-se o tamanduá-mirim (família *Myrmecophagidae*).

As serras escarpadas sofreram a ação de processos de erosão diferencial que, com o tempo, deram origem a morros residuais que emolduram a BHRSV. Estes morros são em sua maioria ainda recobertos por vegetação nativa, formadas por bosques remanescentes e vegetação secundária, nos quais há trilhas criadas para uso cotidiano propício para a prática de atividades de educação ambiental e turismo. Além disto, é interessante discutir acerca das atuais formas de uso e ocupação do espaço na área, temática discutida no próximo tópico.

O Processo de Ocupação do Meio Rural de Ituiutaba, MG

Os impactos do uso da terra sobre a cobertura vegetal de Ituiutaba foram estudados por Rezende e Rosendo (2009), que trabalharam com três cenários temporais distintos (1987, 1997 e 2007), para mostrar os ritmos da profunda transformação sofrida por Ituiutaba no período delimitado para sua investigação.

De acordo com estas autoras, no meio rural de Ituiutaba predominam atividades relacionadas ao agronegócio canavieiro e à pecuária extensiva, com ampla utilização do espaço, o que resultou na redução das áreas de vegetação natural, ocasionando a degradação de inúmeros recursos ali existentes. Trabalhos de campo realizados para a elaboração desta pesquisa comprovaram que em 2011, estas atividades ainda dominam a paisagem na área correspondente à área estudada.

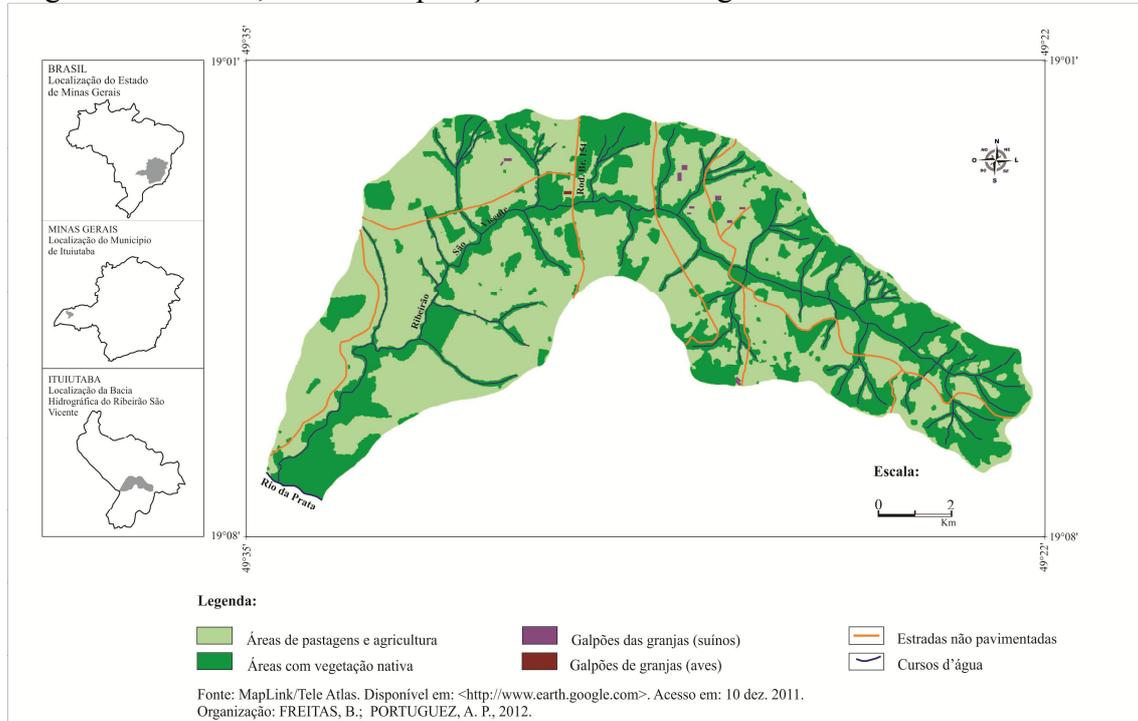
Ainda segundo Rezende e Rosendo, as pastagens ocupam o maior percentual de áreas em todos os períodos analisados, de forma que a vegetação nativa ocasionalmente reduziu-se ou expandiu-se, de acordo com o contexto político-legislativo de cada período. Em 1987, as áreas de vegetação nativa ocupavam 18,81 %, e este valor foi reduzido para 12,44% em 1997. Esta redução se deveu à expansão da pecuária, que requeria cada vez mais áreas para a expansão das pastagens, assim como algumas atividades agrícolas.

Com a criação de novas leis de proteção da natureza, este percentual voltou a se elevar, de forma que em 2007, a cobertura de matas nativas chegou ao patamar de 18,92% do território municipal. Neste sentido, a recuperação destas áreas naturais deveu-se principalmente à publicação de novas normas jurídicas, como por exemplo a Medida Provisória nº. 2.166-67 de 24 de agosto de 2001, que alterou diversos artigos da Lei nº 4.771 de 15 de setembro de 1965, que instituiu o Código Florestal Brasileiro. Para as Rezende e Rosendo (2009), a manutenção das Áreas de Preservação Permanente (APP) passou a ser uma realidade mais concreta no meio rural por elas investigado.

Ao longo do processo de ocupação da zona rural do município de Ituiutaba, a BHRSV foi gradativamente apropriada para instalação de atividades agropecuárias de caráter extensivo, o que resultou em grande perda das áreas de vegetação natural (figura 3). Atualmente, estas mesmas atividades (granjas, pastagens e cultivo de cana-de-

açúcar) se fazem presentes na paisagem, demandando recursos naturais e novos espaços para ampliação da produção, resultando no agravamento da degradação ambiental.

Figura 3: Ituiutaba, MG: Antropização da Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente.



Fonte: Maplink/Tele Atlas. Disponível em <<http://eart.google.br>>. Acessado em 10/12/2011. Org.: FREITAS, B.; PORTUGUEZ, A. P., 2012.

Como se pode observar na figura 3 a exploração extensiva reduziu drasticamente as áreas de Cerrado, ficando nítida a predominância das áreas antropizadas. Em campo, pode-se observar que o plantio de cana-de-açúcar se localiza, em geral, nas áreas mais planas e, por sua vez, as pastagens ocupam as áreas com maior declividade. Além disto, mostra que o alto curso do Ribeirão São Vicente é a área que apresenta a maior concentração de vegetação nativa, enquanto no baixo curso, as matas ciliares e o Cerrado cederam espaço aos grandes plantios canavieiros.

Grosso modo percebeu-se que uma grande parte da área estuda está inserida em um modelo de modernização agroprodutiva que atende às demandas do grande capital (agronegócio) e este modelo provoca considerável degradação ambiental, em detrimento de inúmeros empreendimentos que a escala produtiva é mais restrita e até casos de agricultura familiar destinada pra o próprio consumo.

A BHRSV possui de fato funcionalidades relacionadas ao seu conteúdo de ruralidade, com três atividades produtivas bastante destacadas e muito bem territorializadas:

- a) A bovinocultura extensiva é a atividade produtiva mais marcante da economia local, ocorrendo em toda a extensão da bacia, em especial entre o alto e o médio curso;
- b) No médio curso, destaca-se ainda a presença das granjas de suinocultura, que são bastante tecnificadas, com criações confinadas e destinadas à produção industrial;
- c) Entre o médio e o baixo curso do São Vicente, onde a topografia é mais suave, ocorre o cultivo intensivo da cana-de-açúcar.

Percebe-se que os usos da BHRSV se espacializam de acordo com a organização do meio natural, já que nas áreas mais elevadas, se pratica a atividade mais tradicional, em função de ainda não ser uma área interessante para mecanização, em função de contar com uma amplitude topográfica elevada, as áreas com menor amplitude topográfica, no caso médio e baixo curso conta com atividades mais tecnificadas, e no baixo curso onde não se pratica a atividade canavieira.

Há uma nítida ruptura na paisagem, de forma que as áreas localizadas do médio para o alto curso apresentam uma dinâmica agrícola bem destoante das paisagens localizadas entre o médio e o baixo curso. Freitas e Portuguez (2011) constataram que a concentração da agricultura familiar nas áreas próximas às nascentes se deve em grande parte às características geomorfológicas da bacia, pois o relevo mais escarpado, embora não seja em si um obstáculo, é considerado um fator dificultador da mecanização agrícola. Soma-se a isto, o fato de as estradas rurais serem muito precárias entre o médio e alto curso, o que notadamente tem contribuído para uma menor densificação técnica da agricultura local.

Percebe-se que o alto curso apresenta bordas escarpadas que podem dificultar a inserção de atividades altamente mecanizadas, que atualmente não são vistas de área de grande interesse pelo grande capital. Para tanto nesta área é onde se concentra a maior porcentagem de trabalho familiar, sendo as que contam com trabalhadores formais, não contam com atividades altamente tecnificadas.

O grande capital cria formas de controle sobre o mercado e, ao atingir a agricultura, faz com que a mesma tenda a desenvolver um modelo de modernização que atende às demandas de consumo orientadas pela economia global (SANTOS, 2011).

Este processo produtivo ocorre no município de Ituiutaba, que foi incorporado à lógica desta forma de acumulação relativamente há pouco tempo e a BHRSV é uma das áreas do município que representa bem este fenômeno.

Sendo assim, estudar as formas de uso produtivo do espaço em escala local, é uma maneira de entender a territorialização do agronegócio não só na bacia, mas também no Pontal do Triângulo Mineiro, pois como se verá adiante, a BHRSV reflete localmente, o que vem ocorrendo em âmbito regional.

Para compreender o padrão de uso da terra na BHRSV, é importante contextualizar historicamente as atividades produtivas ali existentes em uma escala mais ampla, pois a apropriação do espaço pelo grande capital agropecuário é um fenômeno regional e, nesta perspectiva, a BHRSV representa a manifestação local de um fenômeno comum a boa parte do Cerrado mineiro.

A presença da bovinocultura extensiva (foto 2), da suinocultura confinada (foto 3) e da agroindústria sucroalcooleira (foto 4), respondem historicamente a interesses que contracenaram no cenário regional e produziram localmente uma dinâmica muito interessante de (des)organização do espaço geográfico.

Foto 2: Ituiutaba, MG: Pastagens presentes no alto curso do São Vicente, 2011.



Fonte: PORTUGUEZ, A. P., 2011.

Foto 3: Ituiutaba, MG: Granjas de suinocultura no médio curso da bacia, 2011.



Fonte: PORTUGUEZ, A. P., 2011.

Foto 4: Ituiutaba, MG: Canaviais no baixo curso do Ribeirão São Vicente, 2011.



Fonte: PORTUGUEZ, A. P., 2011.

Resultou deste processo, não só os resíduos da presença da pequena propriedade agrícola, mas, sobretudo, um panorama de degradação ambiental que não pode mais ser revertido. Pode, porém, ser mitigado por meio da incorporação de atividades mais sustentáveis, capazes de manter a integridade dos bosques ainda remanescentes na bacia (FREITAS; PORTUGUEZ, 2010). Passa-se então, a caracterizar estas grandes atividades produtivas e observar seu papel na atual composição do arranjo espacial da BHRSV.

Dados coletados em campo permitiram constatar que a concentração da pequena agricultura nas áreas próximas às nascentes se deve em grande parte às características geomorfológicas, pois o relevo mais escarpado, embora não imponha óbice, é considerado dificultador da mecanização agrícola. Soma-se a isto, o fato de as estradas rurais serem precárias entre o médio e alto curso, o que de certa forma, tem contribuído para uma menor densificação técnica e, por conseguinte, maior conservação ambiental.

Turismo, Espaço Rural e Meio Ambiente

Segundo a Organização Mundial do Turismo – OMT, “o turismo compreende as atividades realizadas pelas pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, por lazer, negócios e outros” (OMT (1994) *apud* Sancho, 2001).

De acordo com Dias (2003), o turismo consiste em uma atividade econômica, que se desenvolveu nos mesmos moldes do crescimento econômico mundial impulsionado pela Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra no século XVII, que prioriza a geração de renda, mesmo que para isso seja necessário a exploração de recursos naturais de forma intensiva.

Considera-se que esta atividade, é muito mais que meramente econômica, mais sim um fenômeno social, visto que vai além de gerar lucro. Interfere na vida, no cotidiano das pessoas, trazendo benefícios e/ou impactos para os moradores dos lugares receptores dos visitantes. Em alguns casos esta atividade consegue explorar recursos além dos naturais, se entendendo aos recursos socioculturais.

Sendo o turismo uma prática essencialmente capitalista, o mesmo subsidia a exploração de mão-de-obra e lugares. Fonteles (2004) analisou fatores e elementos acerca da produção do espaço turístico, considerou que homem apropria da natureza, que se transforma em outra, comprometendo assim a qualidade do ambiente, além de transformar o lugar em mercadoria, já que o mesmo é reorganizado e há a alteração no cotidiano dos moradores.

Em função desta reorganização dos espaços turísticos, percebeu-se que ocorrem inúmeras interferências, a exemplo da globalização da cultura, dos serviços, do lazer, do

turismo, dos produtos; interferindo e alterando a identidade das pessoas, para atender às necessidades dos visitantes.

O ecoturismo se difere do turismo massivo, visto que este último em suas origens deixou marcas negativas no ambiente, pois as estratégias de planejamento dominantes até o início da década de 1990 não levavam em consideração as questões relacionadas à proteção do ambiente.

Por sua vez o ecoturismo surge como uma modalidade de turismo que tem o objetivo de desenvolver uma atividade mais responsável em relação ao ambiente, pois em geral, é realizado em grupos menores, respeitando-se assim o meio e a sociedade, tentando-se evitar grandes impactos negativos.

Aprofundando conceitualmente o que vem a ser ecoturismo, Dale (2005) escreveu que no final da década de 1970, iniciou-se um processo crescente de preocupação com o ambiente, surgindo atividades econômicas alternativas. Como exemplo pode-se citar: a agricultura orgânica, energias renováveis, a cadeia produtiva da reciclagem e até mesmo o próprio turismo alternativo (ao de massa).

Seguindo este mesmo princípio, Dias (2003) mostrou que há uma estreita relação entre o turismo de base sustentável e a conservação da natureza na medida em que os agentes sociais responsáveis pela promoção desta atividade, cada vez mais, vêm demonstrando preocupações com a proteção dos lugares onde a recepção ocorre, envolvendo aí não somente a salvaguarda dos recursos naturais, mas também das culturas locais e das condições de existência humana. Porém, para que isto seja possível, a atividade turística não pode ser pautada pelo mercado de massa, como já alertou Rodrigues (1997), que por diversas vezes denunciou o caráter predatório desta atividade.

Partindo deste princípio, tem-se a dimensão do que venha a ser o ecoturismo, desmistificando-se ideias inerentes que este fenômeno social, venha a ser simplesmente uma atividade que tenha como base a preservação de recursos naturais, mais é uma modalidade que tem a responsabilidade em preservar em todos os níveis, todos os elementos presentes no espaço.

O desafio é gerar o menor impacto possível, para que os benefícios da atividade sejam maiores que os problemas, tanto o ponto de vista ambiental, quanto cultural e

social. É importante incentivar que a própria população conserve os componentes socioambientais, evitando assim a perda de identidade, cultura, valores da sociedade; e que o atrativo turístico seja a própria natureza, os sistemas produtivos e cultura local.

O desenvolvimento ideal se daria se toda a sociedade fosse beneficiada. O ecoturismo, nesta perspectiva idealista, prioriza a resignificação da cultura, da natureza, além de oportunizar a participação da comunidade no planejamento estratégico do setor, de modo a dinamizar a economia e responder às necessidades de saúde pública, educação, cultura, construção de moradias, lazer, produção de empregos, dentre outros. No entanto sabe-se que este conjunto de benefícios é difícil de ser alcançado, porque não permite, em seu conjunto, a acumulação do capital nos moldes do turismo global.

Percebe-se então, que o Poder Público se pauta na idealização do ecoturismo como uma atividade capaz de gerar o pleno desenvolvimento, nos moldes mais fabulosos do conceito de sustentabilidade. Neste trabalho, defende-se que o ecoturismo é capaz de promover formas menos impactantes de desenvolvimento para comunidades menos tecnificadas, porém, de forma bem menos romântica e mais crítica.

O ecoturismo requer a natureza como seu principal objeto de consumo, de forma que seu o ambiente tem de estar protegido para que se torne palco da atividade turística. Mas mesmo com esta conservação o ambiente requer, ainda que em pequenas intensidades, infraestrutura adequada para atender os visitantes. Esta atividade, ainda que pautada em um discurso conservacionista, pode provocar efeitos contraditórios.

Isto porque, o aumento da circulação de pessoas gera impactos sobre os ambientes naturais, causando alterações como: aumento de dejetos e lixos, contaminação das águas, compactação do solo pelo pisoteio de pessoas e/ou animais em trilhas, dentre outros (RUSCHMANN, 2000).

Em se tratando de ecoturismo enquanto responsável pela otimização da preservação dos elementos socioambientais, é necessário conhecer lugares que podem ser palco destas atividades. Utiliza-se como exemplo o turismo no espaço rural, que como qualquer outra atividade, deve ser planejada para que assim torne palco de práticas de lazer e educativas, além de agregar renda às comunidades rurais, sobretudo sem deixar de lado a proteção dos elementos presentes neste espaço.

De acordo com Almeida (2010) o turismo rural é entendido como aquele que tem como cenário o espaço rural destinado para as atividades de lazer e fruição em contato com a natureza e com as populações locais e suas práticas culturais.

Portuguez (2010) ao tratar da questão do turismo rural, discutiu o quanto esta modalidade é complexa e vai além das noções de ruralidade conhecidas, apresentando assim a multifuncionalidade do espaço rural, e como as paisagens turistificadas das áreas rurais originam paisagens complexas e com alterações nos seus sentidos funcionais básicos.

Este tipo de fenômeno ocorre cada vez com mais frequência e sem o planejamento adequado, criando contradições nestes espaços devido às alterações da paisagem rural, que gradativamente vem ganhando elementos e infraestruturas urbanizadas. Ainda que o conteúdo de urbanidade se faça fortemente presente no meio rural, este último não deixa de existir. A ruralidade permanece ainda que alterada e tecnicada, passando a conviver, portanto com os novos conteúdos aportados pela modernidade urbana.

Para Portuguez (2010), o espaço rural, como qualquer dimensão da sociedade atual, se expressa como complexo, dinâmico, articulado, conectado ao mundo global e fortemente impregnado de identidades. Wandscheer e Teixeira (2010) consideram que atualmente a dinâmica do meio rural não está voltada exclusivamente para a agricultura.

Ainda de acordo com estes autores, quando os mesmos analisam a realidade rural, percebem que há mudanças ocorrendo nestes espaços, já que vêm assumindo novas funções, inúmeras vezes não de forma natural, mais sim imposta pelo grande capital para atender as mais diversas formas de anseios da sociedade contemporânea.

Portanto, não se deve entender o espaço rural de forma padronizada e estereotipada, mas sim de forma heterogênea, de acordo com as características específicas de cada lugar e pela forma de ocupação e utilização deste espaço para os mais variados fins, podendo ser: comerciais, agrícolas, turísticos, de lazer, dentre outros.

Em função da modernização crescente, foi percebido que uma das responsabilidades do turismo no espaço rural é de criar mecanismos que a população local forneça serviços aos visitantes, sem se desvincular de suas atividades produtivas habituais. As atividades complementares, tais como: produção de doces e queijos,

artesanato, recepção, hospedagem e acompanhamento dos visitantes em trilhas e outras, não devem passar a ser atividades principais, mais sim secundárias, pois só assim o espaço rural não perderá de forma abrupta suas características ambientais, sociais e culturais tradicionais.

Fucks e Souza (2010) salientam que além disto, é necessário zelar pela privacidade familiar dos produtores e/ou moradores rurais. Elencaram uma série de elementos relativos ao patrimônio existentes no espaço rural que podem e/ou devem ser preservados: as paisagens culturais; o modo de vida e de trabalho; a gastronomia típica regional; música, linguajar, lendas, costumes, saberes, fazeres, patrimônio arquitetônico e por fim as instalações destinadas à prestação dos serviços e atendimento.

O turismo ecorrural, que resume as argumentações expostas e que ora se propõe para a área estudada, é um conceito híbrido que foi proposto por Rodrigues (1998). Para a autora, ele é uma modalidade que se opõe aos princípios do turismo massivo, que mobiliza grande quantidade de recursos, sejam naturais e/ou artificiais, causando graves impactos socioambientais.

Para tanto, o turismo ecorrural pressupõe visitas de pequenos grupos dirigidos a áreas “naturais” e/ou em espaços ditos rurais, que diferem dos padrões urbanos. A autora mesclou os conceitos de ecoturismo e turismo no espaço rural, preocupando-se não só com a utilização deste espaço, mas também com os princípios de proteção para com o ambiente, utilizando-se dos fundamentos ideológicos do ecoturismo. O tópico que segue traz um balanço geral dos dados levantados na BHRSV e propõe uma estratégia de turismo ecorrural para a mesma.

Proposta de um Roteiro Turístico

Este tópico traz uma proposta de roteiro de turismo ecorrural que integra a sede urbana da cidade de Ituiutaba e o Salto do Prata, que é considerado principal atrativo paisagístico do meio rural do município. O eixo de ligação entre a cidade e o referido atrativo é a Rodovia BR-154 que atravessa a BHRSV em seu sentido Norte-Sul em seu médio curso.

Entretanto, antes de o Poder Público efetivar esta ou qualquer outra proposta de turismo no espaço rural, é necessário que os próprios moradores estejam informados dos

detalhes do planejamento turístico municipal, apresentando-lhes os interesses inerentes a esta atividade socioeconômica. Sem o envolvimento efetivo dos residentes, fica complicado falar nesta prática social, pois se constatou em campo que inúmeros moradores não sabiam sequer o que vem a ser o turismo.

Uma forma de tornar este conteúdo mais acessível é a utilização de metodologias participativas envolvendo os proprietários que demonstraram interesse em agregar renda à suas propriedades. A tabela 1 apresenta a aceitação desta atividade pelos empreendedores da BHRSV.

Tabela 1: Ituiutaba, MG: Aceitação da Inserção do Turismo e/ou Lazer Rural nas Propriedades da Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente

Área Pesquisada	Sim	%	Não	%	Total
Alto Curso	3	25	9	75	12
Médio Curso	9	22	32	88	41
Baixo Curso	2	25	6	75	8
Total	14	22,9	47	87,1	61

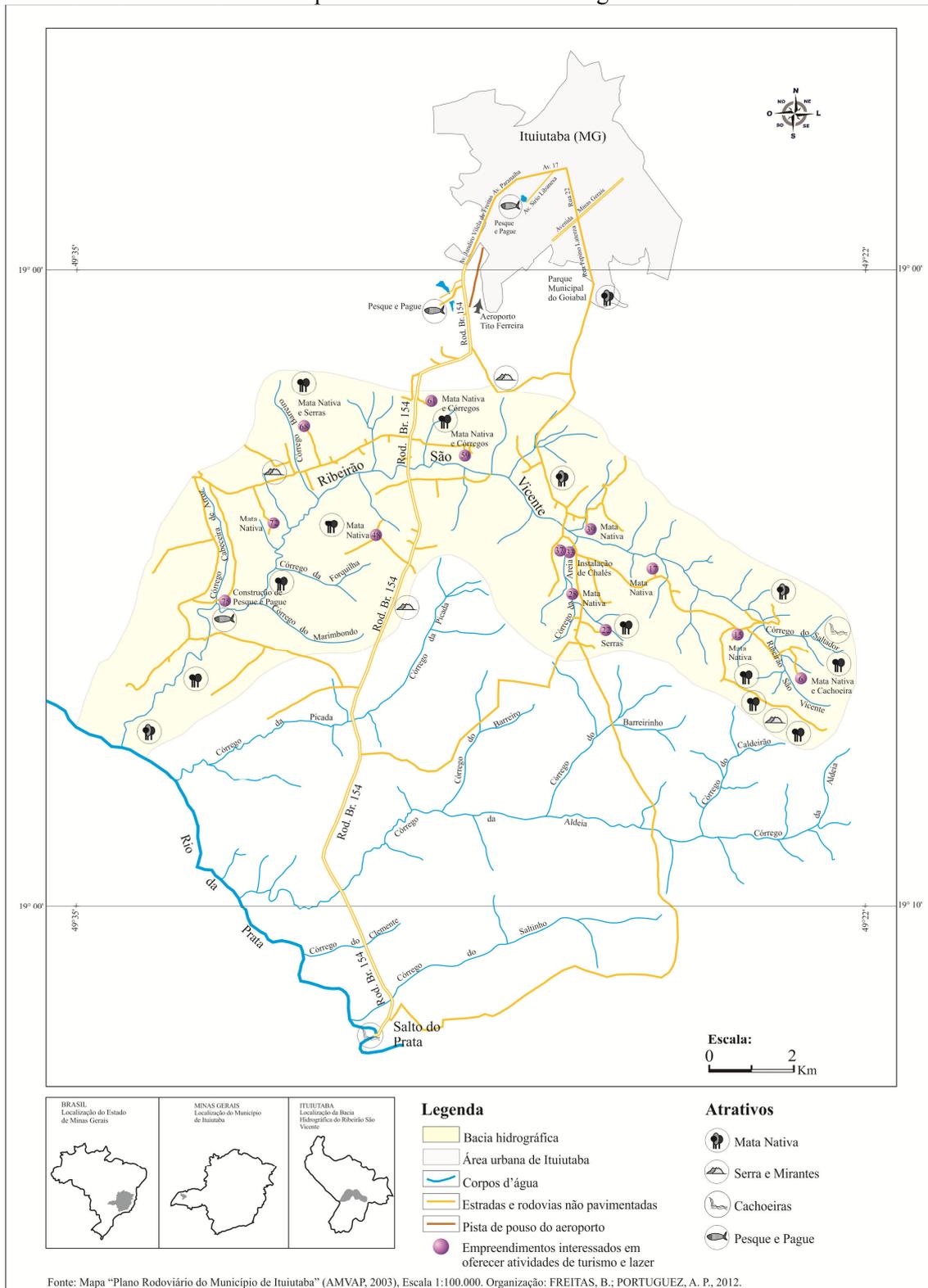
Fonte: Dados da coleta de campo. Org.: FREITAS, B.; PORTUGUEZ, A. P., 2012.

Conforme a tabela 1, 22,9% dos empreendedores se colocaram a favor da implantação do turismo na BHRSV e, em contrapartida, 87,9% dos proprietários se colocaram contra a implantação da referida atividade em função de diversos motivos que vão desde o desconhecimento desta prática e até mesmo por questões de impossibilidades econômicas.

Defende-se aqui a implantação de um turismo alternativo (com fluxos reduzidos), pois de acordo com Freitas, Maia e Portuguez (2011) em escala local, este modelo de planejamento é de fato possível, ainda que à duras penas. Isto porque parte das classes empresariais e políticas do Brasil ainda entendem o turismo como expressão de fluxos de massa e sentem dificuldade em vislumbrar a viabilidade de lucro de pequena escala e de longo prazo.

Porém, mesmo com este percalço, o turismo de pequenos fluxos é o mais adequado para os propósitos de desenvolvimento do meio rural, pois de outra forma não seria possível assegurar a manutenção das áreas naturais remanescentes. A figura 4 apresenta o roteiro turístico proposto.

Figura 4: Ituiutaba, MG: Roteiro de Lazer e/ou Turismo Proposto a Partir de Atrativos Presentes e Interesse dos Empreendedores da Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente



Fonte: Mapa "Plano Rodoviário do Município de Ituiutaba" (AMVAP, 2003). Escala 1:100.000. Org.: FREITAS, B.; PORTUGUEZ, A. P., 2012.

Justifica-se a inclusão do meio urbano de Ituiutaba na figura 4, por ser neste local que se concentra um contingente significativo de classe média, que é, por excelência, o estrato social alimentador do fluxo turístico. Entre a cidade e o Salto do Pratapercorre-se 26 km, sendo que parte deste percurso corresponde ao médio curso da BHRSV. O fato de a Rodovia BR-154 atravessar a bacia em sua porção mais central facilita o acesso e permite visitas em toda a área de estudo, pois propicia o melhor acesso às rodovias e/ou estradas rurais, tanto para Oeste, quanto para Leste.

O proposto roteiro foi além das delimitações físicas da BHRSV, visto que desde a saída da cidade de Ituiutaba, existem no trajeto, atrativos como: pesque-pague e matas nativas. O quadro 1 se refere somente aos 14 empreendedores que se manifestaram favoráveis à inserção do turismo em seus empreendimentos, apresentando os principais atrativos naturais presentes em cada um.

Quadro 1: Principais Atrativos Naturais das Propriedades Segundo os Moradores da Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente

Área Pesquisada	Serra	Ribeirão	Cachoeira	Mata Nativa	Inserção de Trilhas	Não Sabe
Alto Curso	X		X	X	X	
Médio Curso	X	X		X	X	X
Baixo Curso				X		

Fonte: Dados da coleta de campo. Org.: FREITAS, B.; PORTUGUEZ, A. P., 2012.

Os empreendedores do alto curso que se apresentaram favoráveis à inserção do turismo, consideraram como principais atrativos naturais: serras, cachoeiras, a mata nativa e a possível inserção de trilhas ecológicas. No médio curso os empreendedores apresentaram como atrativos as serras, ribeirão, mata nativa e inserção de trilhas e no baixo curso consideraram a mata nativa enquanto principal atrativo.

Um dos empreendedores do médio curso que se interessou-se pela recepção turística, disse que possui uma área de reserva que há anos não deixa ninguém fazer nenhuma alteração, nem extração de nenhum recurso, seja animal, vegetal ou mineral.

Ainda existem bosques remanescentes em toda a bacia, sobretudo em suas áreas mais escarpadas. E são nos bosques de 2 empreendimentos do alto curso que se pretende incentivar as atividades de educação ambiental, por meio de práticas que possam resignificar os recursos naturais ali existentes: o turismo de base ecológica e o lazer rural.

Para incentivar a preservação voluntária das áreas remanescentes, os produtores rurais precisam entendê-las como patrimônios sociais e como fontes de renda alternativa, onde é possível desenvolver atividades de baixo impacto, com práticas recreativas compatíveis com as necessidades ambientais, tais como: passeios a cavalo, trilhas interpretativas em áreas de vegetação, plantio de árvores nativas, educação ambiental, campings, observação de pássaros, além de práticas relacionadas às atividades agrícolas, tais como degustação de cachaças e gastronomia rural.

Nas cabeceiras do Ribeirão São Vicente, os cursos d'água formam pequenas corredeiras e cachoeiras, que podem contribuir bastante para o entretenimento de visitantes e estudantes em atividades relacionadas ao entretenimento e educação ambiental. Alguns riachos e córregos são bem acessíveis, de forma que se pode criar trilhas interpretativas em algumas localidades.

Algumas das propriedades interessadas na implantação do turismo ecorrural possuem morros residuais, que servem de mirantes naturais para a visualização de boa parte do conjunto paisagístico da BHRSV, e mesmo com a prática agrícola de forma extensiva, estas áreas ainda possuem importantes bosques de Cerrados que servem de palco para realização de trilhas ecológicas e também para transmissão dos conteúdos de educação ambiental, tanto para os visitantes, quanto para os moradores.

Em 2 empreendimentos do baixo curso, cujos proprietários apresentaram interessados na implantação do turismo, constatou-se a possibilidade de utilização das matas nativas. Em um destes o depoente afirmou que um dos principais atrativos da propriedade era a construção do pesque-pague, que já vem sendo pensado, e apenas os tanques estão sendo construídos.

Apresenta-se na tabela 2, dados que mostram a quantidade de empreendimentos que fazem algum tipo de artesanato, doces ou queijos, sendo que estes do ponto de vista do interesse turístico podem vir a surgir enquanto um atrativo aos visitantes.

Tabela 2: Produção de Artesanato, Doces e Queijos na Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente

Área Pesquisada	Sim, Comercialização	%	Sim, Próprio Consumo	%	Não	%	Total
Alto Curso	3	25	5	41,7	4	33,3	12
Médio Curso	10	24,4	16	39	15	36,6	41
Baixo Curso	2	25	5	62,5	1	12,5	8
Total	15	24,6	26	42,6	20	32,8	61

Fonte: Dados da coleta de campo. Org.: FREITAS, B.; PORTUGUEZ, A. P., 2012.

Os empreendimentos que destinam a produção de doces ou queijos para comercialização é de 24,6%, sendo que, é comercializado apenas o excedente da produção. O artesanato não é realizado em nenhum dos empreendimentos rurais, nem mesmo para utilização pelas famílias residentes. Por outro lado, o turismo ecorrural pode incentivar o aumento da produção de doces e/ou queijos. Desta forma, as famílias produtoras poderiam agregar renda e gerar ocupação produtiva para alguns de seus integrantes.

Como síntese do que se propõe um roteiro de turismo que integra as belezas do São Vicente com as belezas do Salto do Prata, de forma a valorizar tanto a diversidade produtiva da agricultura familiar da bacia estudada, quanto as características dos Cerrados pelos cursos d'água mais representativos do sul de Ituiutaba.

Conclusões

Esta pesquisa, além de realizar uma breve discussão conceitual sobre turismo, bem como a oferta potencial da BHRSV, levou em consideração os fatores socioeconômicos e culturais da população residente. Ressalta-se que Ituiutaba contem uma população eminentemente urbana, de forma que neste estudo foi dada atenção a uma parcela populacional menos significativa no contexto local, que precisa urgentemente ser ouvida, quanto às atuais formas de “sobrevivência” encontradas neste recorte do meio rural de Ituiutaba.

A descrição física da área estudada mostrou que a BHRSV apresenta um conjunto de aspectos bem típicos do Brasil central, onde as atividades produtivas relacionadas ao cultivo da cana-de-açúcar e à pecuária extensiva vêm degradando crescentemente os cursos d'água e os bosques de Cerrados.

A BHRSV é um recorte territorial do município de Ituiutaba que representa muito bem o modo de uso e ocupação da terra pelos agentes locais de desenvolvimento e pelo grande capital. Na bacia, a vegetação nativa foi gradativamente degradada nos últimos 40 anos, o que resultou na supressão de extensos bosques de Cerrados e a alteração do padrão fitofisiográfico das matas ciliares.

Ao longo do processo histórico responsável pela dinâmica de ocupação do espaço em Ituiutaba, o meio rural foi gradativamente e extensivamente apropriado, o que resultou em grande perda das áreas de vegetação natural, ao ponto de haver atualmente, necessidade de sensibilizar a população, tanto urbana, quanto rural, da importância de se manter a natureza em equilíbrio para que a própria qualidade de vida dos moradores seja beneficiada.

Para incentivar a preservação voluntária das áreas remanescentes, os produtores rurais precisam entendê-las como patrimônios sociais e como fontes de renda alternativa, onde é possível desenvolver atividades de baixo impacto. Para tanto, buscou-se conhecer os aspectos físicos e a dinâmica natural desta bacia, com vistas a uma proposta realista e sustentável de lazer e turismo ecológico e rural.

Ainda assim, há bosques remanescentes em toda a bacia, sobretudo em suas áreas mais escarpadas, junto aos córregos e em seu alto curso. E são nestes bosques que se pretende incentivar as atividades de educação ambiental, por meio de atividades que possam resignificar os recursos naturais ali existentes: o turismo de base ecológica e o lazer rural.

A paisagem da área em questão apresenta potencial para ser turistificada. Porém a mesma se encontra degradada pelas formas de uso e ocupação vigentes, que sendo ou não geridas pelo grande capital, são agressivas. Do alto para o médio curso, há formas diferentes de uso do solo, tais como pastagens, agricultura familiar e granjas. Do médio para o baixo curso; destaca-se a predominância do grande capital açucareiro com presença com menor intensidade de agricultura familiar

Além da geração de empregos a oferta natural da BHRSV conta com grandes possibilidades de utilização destes recursos para implantar atividades de lazer e/ou turismo ecoturístico, além de realização de atividades de educação ambiental.

O fato de existirem atividades altamente impactantes na BHRSV não constitui óbice ao desenvolvimento do lazer e turismo rural, pois, inclusive, os investimentos privados voltados para a criação de infraestruturas de recepção de escolares e comunidade podem converter-se em medidas de compensação ambiental destas grandes empresas rurais, por ocasião da obtenção e/ou renovação de suas Licenças Ambientais. Propõe-se novos estudos mais aprofundados do universo produtivo desta bacia, para se identificar caminhos viáveis para um modelo mais sustentável de desenvolvimento.

Daí a importância de transformar a atividade turística na natureza e no meio rural em um valioso momento de convívio e aprendizagem e, neste sentido, a educação ambiental mostra-se importante e deve ser incorporada ao planejamento, associado à educação ambiental como um pressuposto básico para o sucesso da atividade.

Advoga-se que o turismo composto por fluxos controlados, pode ser uma importante ferramenta de proteção e valorização da natureza local, pois presume a manutenção dos aspectos paisagísticos considerados atraentes. Apesar deste alto grau de antropização, a BHRSV ainda apresenta uma série de localidades dotadas de condições adequadas para a incorporação de atividades produtivas de baixo impacto, como é o caso do turismo no espaço rural. Evidentemente, está-se aqui, falando de uma prática devidamente planejada no sentido de não assumir feições de turismo de massa.

Por fim, o roteiro turístico proposto integra a cidade de Ituiutaba ao Salto do Prata passando pela BHRSV. Este roteiro foi proposto desta forma para integrar a área estudada ao uso do principal atrativo do meio rural do município. No entanto, para que esta proposta se viabilize, a municipalidade deverá atuar de forma bastante efetiva não só na elaboração de políticas públicas, mas também no envolvimento da população residente na bacia nas diversas etapas do planejamento, para que esta possa protagonizar o processo de desenvolvimento desta atividade em seus espaços de vida cotidiana.

¹ O presente estudo é parte do trabalho de Iniciação Científica do acadêmico, com financiamento do CNPq. Os autores são membros do Grupo de Estudos e Pesquisa em Turismo, Espaço e Estratégias de Desenvolvimento Local (FACIP-PROPP/UFU).

² Doravante identificada apenas pela sigla BHRSV.

³ Como toda atividade produtiva, o ecoturismo é uma prática social que pode provocar impactos representativos sobre a paisagem, caso seja praticado sem o devido planejamento. O mesmo se pode afirmar para o lazer rural. Portanto, defende-se aqui que estas atividades sejam incorporadas de forma profissional e bem planejada.

⁴ Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidades>. Acesso em 10 de abril de 2012.

⁵ Regionalmente, o termo “granja” é utilizado para designar tanto a criação de aves, quanto a pecuária suína. Na área estudada, as granjas são propriedades dedicadas à suinocultura, pois devido ao clima quente, a criação comercial de aves é bem reduzida em Ituiutaba.

Referências

AB’SABER, AzisNacib. Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ALMEIDA, Maria Geralda de A. A Sedução do Turismo no Espaço Rural: das Naturezas e Políticas. In: SANTOS, Eurico de Oliveira; SOUZA, Marcelino de (Orgs.). Teoria e Prática no Espaço Rural. Barueri, SP: Manole, 2010. p. 33-46.

BRASIL. Medida Provisória nº. 2.166-67 de 24 de agosto de 2001: Altera a Lei No. 4.771 de 15 de setembro de 1965, que instituiu o Código Florestal Brasileiro, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília: DF, 25 de ago. 2001, Seção 1, pág. 1.

BRITO, Ignacio Machado. O mesozoico das bacias do Paraná e do São Francisco In: BRITO, Ignacio Machado. Geologia histórica. Uberlândia: Edufu, 2001. p.151-166.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. Geomorfologia. 2 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1980.

CONTI, Luzia José Bueno. A natureza nos caminhos do turismo In: RODRIGUES, AdyrBalastreri (Coordenadora). Turismo e ambiente: Reflexões e Propostas. São Paulo: Hucitec, 1997. p. 17-26.

DALE, Paul. Definindo ecoturismo...para que? para quem? In: MENDONÇA, Rita; NEIMAN, Zysman. Ecoturismo no Brasil. Barueri, SP: Manole, 2005. 296 p.

DIAS, Reinaldo. Turismo sustentável e meio ambiente. São Paulo: Atlas, 2003.

FONTELES, José Osmar. Turismo e impactos socioambientais. São Paulo: Áleph, 2004.

FREITAS, Bruno de; MAIA, Daniel Medeiros; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Educação Ambiental e Uso dos Recursos Naturais em Uma Área de Interesse Turístico: Uma Proposta Para a Bacia do Ribeirão São Vicente - Ituiutaba (MG) In: SEABRA, Giovanni de Farias. MENDONÇA, Ivo Thadeu Lira (Orgs.). Educação ambiental: Responsabilidade para a conservação da sociobiodiversidade. 3 v. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011. p. 120-127.

FREITAS, Bruno de; PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Ecoturismo, Educação Ambiental e Agregação de Renda na Microbacia do Córrego São Vicente – Ituiutaba-

MG. In: II Encontro de Geografia do Pontal, 2010, Ituiutaba. Caderno de resumos expandidos. Curso de Geografia/FACIP/UFU, 2010. CD-ROM, p.4-8.

_____, Panorama dos Usos Produtivos da Bacia Hidrográfica do Ribeirão São Vicente (Ituiutaba-MG) In: III Encontro de Geografia do Pontal, 2011, Ituiutaba - MG. Anais do III Encontro de Geografia do Pontal, 2011. p. 222-234.

FUCKS, Patrícia Marasca; SOUZA, Marcelino de. Turismo no Espaço Rural Preservação do Patrimônio, da Paisagem e da Cultura. In: SANTOS, Eurico de Oliveira & SOUZA, Marcelino de (Orgs). Teoria e Prática no Espaço Rural. Barueri, SP:Manole, 2010. p. 96-108.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Carta topográfica Serra de São Lourenço: SE-22-Z-D-I. Rio de Janeiro: IBGE, 1973. 1 mapa, reprodução. Escala: 1:100.000.

_____, Carta topográfica de Gurinhatã: Folha SE-22-Z-C-III. . Rio de Janeiro: IBGE, 1973. 1 mapa, reprodução. Escala: 1:100.000.

_____, IBGE Cidades@. Disponível em:
<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em 10 de abril de 2012.

_____, RADAMBRASIL: Levantamento de recursos naturais. Rio de Janeiro: Ministério das Minas e Energia. FolhaSE - 22/Goiânia, v.31, 1983.

_____, Censo demográfico de 2010: dados municipais de Ituiutaba. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 16/08/2011.

LADEIRA, Francisco Sérgio Bernardes; SANTOS, Marcilene dos. Metodologias para estudo do meio físico voltadas para o turismo ambiental. In: QUEIROZ, Odaléia Telles Marcondes Machado (Org.). Turismo e Ambiente: Temas Emergentes. Campinas: Alínea, 2006. p. 147-196.

MAPLINK/TELE ATLAS. Base de imagens de satélite de 2007. Disponível em:<http://earth.google.br>>. Acessado em 10/04/2011.

MENDES, Paulo Cezar; QUEIROZ, Arlei Teodoro de. de. Caracterização climática do município de Ituiutaba. In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; MOURA, Gerusa Gonçalves; COSTA, Rildo Aparecido (Orgs). Geografia do Brasil Central: Enfoques Teóricos e Particularidades Regionais. Uberlândia: Editora Assis, 2011, p. 333-354.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Funcionalidade turística e multifuncionalidade produtiva do espaço rural. In: VII CBTR - Congresso Brasileiro de Turismo Rural, 2010, Presidente Prudente. Anais do VII CBTR. Presidente Prudente : UNESP, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITUIUTABA. Plano Rodoviário do Município de Ituiutaba: Associação dos Municípios da Microrregião do Vale do Paranaíba, 2003. 1 mapa, reprodução. Escala: 1:100.000.

REZENDE, Mariane; ROSENDO, Jussara Santos. Mapeamento do uso da terra e cobertura vegetal do município de Ituiutaba – MG, no período de 1987, 1997 E 2007. In: IX Encontro Interno e XIII Seminário de Iniciação Científica, PIBIC-UFU, CNPq e FAPEMIG, 2009, Uberlândia. Anais... Uberlândia, CD-ROOM, 2009.

ROCHA, Marlon Rogério *et al.* Mapeamento Geomorfológico do Triângulo Mineiro. In: 8º Encontro de Geógrafos de América Latina, 2001, Santiago de Chile. Anais... Santiago de Chile, Universidad de Chile, v. 2, 2001.

RODRIGUES, Adyr Aparecida Balastreri. Turismo e espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____, Turismo Eco-Rural: interfaces entre o ecoturismo e o turismo rural. In: ALMEIDA, Joaquim Anécio de. *et al.* (Orgs.). Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável. Santa Maria: Centro de Ciências Rurais - UFSM (RS), 1998, p. 85-96.

RODRIGUES, Valdemir Antonio. A importância das florestas na educação ambiental e como proteção da biosfera. In: FREITAS, Maria Isabel Castreghini de; LOMBARDO, Maria Adelaide. (Orgs.). Universidade e Comunidade na Gestão do Meio Ambiente. 7ed. Rio Claro: Páginas & Letras, 2000. p. 149-155.

RUSCHMANN, Doris Van Meene. Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente. Campinas: Papirus, 2000.

SANCHO, Amparo. OMT: Introdução ao turismo. Tradução de Dolores Martin Rodriguez Comes. São Paulo: Roca, 2001. 371 p.

SANTOS, Joelma Cristina dos. A Territorialização da Agroindústria Canavieira no Triângulo Mineiro e os (Re)Arranjos Espaciais na Microrregião Geográfica de Ituiutaba (MG). In: PORTUGUEZ, Anderson Pereira; MOURA, Gerusa Gonçalves; COSTA, Rildo Aparecido (Orgs.). Geografia do Brasil Central: Enfoques Teóricos e Particularidades Regionais. Uberlândia: Editora Assis, 2011. p. 265-282.

SOUZA, Romário Rosa de; COSTA, Rildo Aparecido *et al.* Variações Pluviométricas no Triângulo Mineiro-MG. In: Geonordeste, Ano XX, n. 2. p.183-206. 2008.

WANDSCHEER, Elvis Albert Robe; TEIXEIRA, Andressa Ramos. Novas ruralidades: demandas e potencialidades da sociedade contemporânea. In: SANTOS, Eurico de Oliveira & SOUZA, Marcelino de. (Orgs.). Teoria e Prática no Espaço Rural. Barueri, SP: Manole, 2010. p. 60-79.

Recebido em 06/07/2013
Aceito para publicação em 01/03/2014.